

A concepção do espaço geográfico na perspectiva da tradição Yorùbá: a cosmovisão africana enquanto expoente da construção do espaço

Henrique Pereira Almeida dos Santos
jhamallhenrique@gmail.com

Matheus Anézio Pereira Gusmão
matheus_gusmao@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho busca trazer uma perspectiva filosófica mas também teórica e metodológica da visão e construção do espaço geográfico a partir do método afrocentrado. Nesse sentido, buscamos inicialmente fazer uma análise de como o conceito de espaço geográfico foi discutido e construído dentro da filosofia europeia que parte de uma visão destacada neste trabalho como objetivista para a seguir almejar uma nova proposição deste conceito partindo da cosmogonia africana visando explorar as potencialidades que estas filosofias e experiências podem contribuir para a criação de novos ou ressignificação de conceitos eurocêntricos que são trabalhados dentro da ciência geográfica.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Cosmovisão; Yorùbá

INTRODUÇÃO

Como nos traz Elisa Larkin do Nascimento (2008) o continente africano caracteriza-se por ser o berço da civilização humana. Na África, mais precisamente no lago Rudolph - presente no atual Quênia – foram encontrados esqueletos daqueles que seriam os primeiro hominídeos e que teriam existido a aproximadamente 3,5 milhões de anos atrás.

Cheikh Anta Diop, negro intelectual senegalês que embora tenha dedicado boa parte da sua vida aos estudos acerca da origem da espécie humana “desafiando boa parte da ciência e pseudociência ocidentais” (NASCIMENTO, 2008, p. 56) e mesmo conseguindo comprovar, através de “rigorosa pesquisa científica (...) [e] de acordo com os padrões metodológicos da academia” (NASCIMENTO, 2008, p. 56), que fósseis encontrados pertenciam a povos originários negros da África, nunca foi devidamente reconhecido academicamente.

Temos atualmente a deslegitimação histórica dos trabalhos escritos por autores africanos, embora, por inúmeros motivos, ao longo dos tempos, os povos africanos realizaram diversas diásporas responsáveis pela disseminação de conhecimentos, técnicas (agricultura, pecuária), culturas e pela construção das primeiras civilizações, a exemplos de Kemet e Kush. Ora, atualmente há inúmeras produções acadêmicas que abordam toda a importância de pensadores africanos, como Cheikh Anta Diop, nos estudos que enfatizam as raízes negras africanas do antigo Egito, Estado este que durante muitos anos foi considerado inclusive como não pertencente ao continente africano.

Posto isso, consideramos esta breve introdução acerca da origem e da dispersão dos africanos e as suas devidas contribuições técnicas, culturais e intelectuais para a formação de povos e civilizações de extrema importância devido ao fato da negação que tem se dado ao longo dos anos aos modos de se pensar africano centrados. Como exemplo, temos no Brasil o não reconhecimento da filosofia africana enquanto ciência.

Desta forma, a partir do que Moore (2010) acredita, ou seja, de que os povos africanos (originários ou diaspóricos) não somente deverão defender os seus próprios interesses nos novos contextos nacionais que são os seus, mas também estarão compelidas,

política e moralmente, a defender os interesses dos povos africanos, expressos através de suas próprias reivindicações e à luz das contribuições dadas por intelectuais africanos e afro diaspóricos que buscam a pesquisa, o resgate e a disseminação dos modos de se pensar africano centrados, isto é, pautados nas perspectivas, filosofias e ancestralidades desses povos que foram dizimados durante os processos colonizadores, tais como Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Frantz Fanon, Carlos Moore, Renato Nogueira, Marimba Ani, José Beniste, Aza Njeri e Katiuscia Ribeiro, este trabalho almeja novas reflexões acerca de epistemologias e conceitos elaborados pela ciência europeia enfocando na elaboração do conceito de espaço geográfico trabalhado nos seios da geografia enquanto ciência.

A FILOSOFIA EUROPEIA E SUA INFLUÊNCIA NA ELABORAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO

Como nos traz Côrrea (1995), a geografia, como toda ciência, possui alguns conceitos-chave capazes de sintetizar a sua objetivação, ou seja, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, sendo este ângulo o conferidor da identidade à geografia e também a sua relativa autonomia no âmbito das ciências sociais.

Assim, refletindo a partir de uma visão europeia da natureza enquanto recurso este trabalho busca debruçar-se na análise do conceito de espaço geográfico a partir de alguns pensadores que partem dessa filosofia em que o meio natural serve-se para satisfazer suas necessidades, propomos uma nova categoria de espaço geográfico pautada numa matriz africano centrada, mais precisamente na perspectiva yorùbá².

Segundo Marimba Ani (1994), o pensamento europeu é pautado no controle assim como no poder não só da natureza, mas também dos outros povos. De acordo com a autora,

“O “homem racional”, em termos Europeus, é acima de tudo a pessoa que controla suas paixões. Ele toma decisões — escolhas baseadas na razão — a guia adequada e invulnerável. Estar no controle de si mesmo coloca-o em melhor posição para manipular e controlar os outros — aqueles que são irracionais ou pelo menos racionais. Ele tem poder sobre os outros em virtude de seu racionalismo.” (Ani, 1994, p.239)

Os estudos de Nah Dove (1995) também nos mostram como essa ideia de racionalidade está intrinsecamente ligada a um conceito característico do homem europeu: o nacionalismo branco. Segundo a autora, o nacionalismo branco seria a “característica racista e xenófoba da unidade cultural colectiva europeia” (p.3). Ao refletirmos sobre o racismo citado pela autora a partir da análise de Diop (1982) o choque entre povos brancos e não brancos e a visão do europeu a partir do africano enquanto submisso e incivilizado também estaria relacionada a um tensionamento proveniente da visão com que o africano tinha acerca da natureza, sendo esta não somente recurso, mas sim parte de um todo proveniente de uma cosmovisão e na qual este mesmo povo também estaria inserido, visões

²“Denominação generalizada de um povo que habita a atual região africana da Nigéria. Era denominação reservada aos povos de Òyó e que, gradualmente, estendeu-se até cobrir todos os povos do mesmo tronco, que agora são conhecidos como o povo de fala yorùbá.”(BENISTE, 2009, p.816)

esta que diferenciava daquela utilizada pelo europeu, já visualizando o meio natural apenas como recurso.

Dito isto podemos refletir sobre como o europeu a partir da ideia de homem universal proveniente do pensamento grego e do racionalismo oriundo do iluminismo como nos traz os estudos de Almeida (2019), estabeleceu-se como sendo criador e controlador de seu próprio destino (Ani, 1994), além de colocar-se como superior aos outros povos. Neste sentido emerge a possibilidade de imaginarmos como este homem racional posicionou-se de forma a não visualizar a natureza como parte de si e que é visto na filosofia africana, como explicaremos a seguir, mas sim como recurso e sendo isto pode ser controlada, modificada ou exterminada. Oliveira (2015, p. 180) fazendo referência a Woodward (2004) afirma que a:

Invenção da identidade europeia através de discursos, representações, sistemas de classificações e significados posicionou os “africanos” de forma desigual. Logo, produziu-se uma colonização da identidade das distintas experiências territoriais da África, através da negação da diversidade e das diferentes experiências tempo-espaço.”

Essa colonização da identidade das inúmeras e diferentes experiências territoriais da África foi seguida de um epistemicídio africano, ou seja, uma tentativa de apagar as formas de se pensar africano-referenciadas.

Neste sentido, e refletindo sobre o fato de esse pensamento racional e objetivista³ da natureza ser disseminado ao longo do tempo por ciências (e nisto enquadra-se também a geografia) e pensadores, podemos analisar a perspectiva dos geógrafos Harvey (2011)⁴ e de Isnard (1978)⁵ ao debruçarem sobre a relação do homem para com a natureza.

Para podermos fazer uma análise crítica de uma filosofia europeia que parte da natureza principalmente enquanto recurso cremos ser importante trazer outras perspectivas que tratam o meio natural não entendendo a natureza somente de forma exploratória, mas também enquanto parte de si em um todo complexo. Posto isso, Beniste (2016) afirma que o mundo sagrado é um mundo independente. O homem nada entende ou realiza sem sentir ou estar localizado a partir de uma definição pessoal; esta noção do espaço entra em conflito com os pensadores que creditam as mesmas noções baseadas no antropocentrismo europeu que separam o humano da natureza (objeto) e conseqüentemente a desvinculação espiritual e mais subjetiva características que perpassam os diversos rituais das comunidades tradicionais africanas.

Retomando a análise a partir da perspectiva trabalhada por Isnard (1978) ao abordar a categoria espaço geográfico, podemos refletir acerca do fato de que o homem se utiliza do espaço desde os tempos antigos através de técnicas que iriam desde o empirismo - chamado por Milton Santos de meio técnico - até o meio técnico científico e

3Objetivista no sentido de ver a natureza enquanto objeto passível de controle e exploração, não em outra perspectiva que abrange este recurso enquanto parte de si.

4Em “O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo”, escrito em 2011, David Harvey reflete sobre como o homem altera destrói a natureza para implementar sua ordem a partir das demandas presentes no sistema capitalista, no que ele denomina de “Destruição Criativa da Terra”.

5Em “O espaço geográfico”, Isnard (1978) nos traz que este conceito é definido a partir do uso da natureza pelo homem, o que antes era espaço natural, atualmente é chamado espaço geográfico. “O homem está dentro da natureza, onde introduziu sua desordem para instaurar sua ordem.” (pg. 5) Logo, o autor discorda do que alguns afirmam: a geografia não é o estudo das relações entre o homem e o meio. Para Isnard, o “homem é quem tem a iniciativa” (pg. 6) e que o objeto de estudo da geografia é a “organização do espaço pelo homem.” (pg. 6)

posteriormente meio técnico científico e informacional, trabalhado em diversas obras do geógrafo e pensador Milton Santos, tais como a *Natureza do Espaço* (1996) e *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI* (2001) entre outras. No entanto, segundo Isnard (1978) o uso do espaço está diretamente relacionado ao desenvolvimento da sociedade. Por exemplo, esta - a sociedade - gera o Estado a partir do momento em que é necessário se organizar e obter o controle do espaço. O Estado por sua vez, adquire uma capacidade gestora que foge de seu comando mediante crescimento descontrolado da população. Nessa dinâmica, então, a iniciativa privada se apropria do espaço segregado pelo Estado e o utiliza através principalmente da especulação imobiliária. A desigual utilização do espaço cria as favelas, periferias, espaços segregados e privilegiados; como diria Isnard: a “degradação [do espaço] resulta da introdução de uma inovação geradora de desordem.” (Isnard, 1978, pg. 13)

A FILOSOFIA AFRICANA E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO COSMOGÔNICO AFRICANO

Neste trabalho faremos uso do método afrocentrado cunhado por Molefi Kete Asante que propõe o renascimento científico e cultural africano, de forma que as pessoas negras no mundo possam se referenciar mentalmente a partir de seu próprio berço civilizatório⁶ para (ASANTE, 2014, p.4) “a afrocentricidade é uma perspectiva filosófica associada com a descoberta, localização e realização da agência africana dentro do contexto de história e cultura. Agência significa que toda ação tem de ser fundamentada em experiências africanas”.

Entendendo a necessidade da agência africana proposta pela teoria da Afrocentricidade e compreendendo as inúmeras problemáticas acerca das definições europeias e euro descendentes do espaço geográfico e as contradições com a visão de mundo africana a partir do método afrocentrado, este trabalho propõe a necessidade da autodefinição exclamada por Cleonora Hudson na construção do conceito “Nommo”, como o povo africano há muito tem sido negado a autoridade de não apenas nomear a si mesmo, mas além disso, de se autodefinir, como inferido pela narradora de Amada da ganhadora do prêmio Nobel, Toni Morrison - “As definições pertenciam aos definidores, não aos definidos”. “Agora é da maior importância que tomemos controle sobre esses fatores determinantes de nossas vidas, se esperamos evitar a degradação, o isolamento e a aniquilação em um mundo de ganância, violência e pandemônio.” (WEENS, 1998, p. 2)

Dada a importância da autodefinição reivindicada por Weens (1998) enquanto ação a fim de garantir a sobrevivência do povo africano e de sua diáspora somado ao resgate cultural e das experiências africanas, suas formas de existência no mundo e para fazer ponte do pensamento filosófico africano do espaço e da manifestação do “Ser” é imprescindível dialogar com os signos, simbologias, princípios e filosofias africanas que segundo Diop (2014) constroem o Berço Meridional. Para tal observamos a contribuição sobre a filosofia Ubuntu⁷:

“(…) *ubu* evoca a ideia do Ser, entendido de um modo dinâmico, integral, anterior às manifestações particulares ou do modo de existência. O termo *ntu* indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Vale

6 Objeto de estudo que procura comparar as características divergentes entre os berços das civilizações setentrionais (Europa) e Meridionais (África) (DIOP, 2014)

7 Pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu*” (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) (NOGUEIRA,2012.p.148)

destacar que ubu está invariavelmente orientado para *ntu*. Ou seja, na acepção de ubuntu toda a realidade está integrada.” (NOGUEIRA, 2012, p.148)

Apesar de sua origem bantufona⁸, o conceito filosófico de ubuntu se relaciona com as práticas e tradições de diferentes etnias africanas e comunidades afro-diaspóricas como a total complementaridade, integração e conexão estruturam filosofias como propõe a obra “A Unidade Cultural da África Negra” de Cheikh Anta Diop, que deságua na compreensão e do desenvolvimento da noção do espaço geográfico africano enquanto espaço da total conectividade e portanto sagrado, tanto quanto a natureza e o homem, inerentes aos ciclos e vistos sobre uma única ótica, espiral ou espiritual.

A partir dos conceitos vistos anteriormente é possível analisarmos também a forma que a tradição yorùbá entende o espaço geográfico:

“São duas as denominações que revelam os locais onde se desenvolve todo o processo de existência: o Àiyé indica o mundo físico, habitado por todos os seres, a humanidade em geral, denominados ara àiyé; o Òrun, que é o mundo sobrenatural, habitado pelas divindades. Os Òrisà, ancestrais e todas as formas de espíritos são denominados de ara òrun. (BENISTE, 1997.p.49)

Logo o Òrun se manifesta enquanto espaço psicológico e do inconsciente, é o espaço sagrado que conecta o mundo físico (Àiyé) a natureza e o mundo dos ancestrais. Na concepção da ciência espiritual Ifá, os Òrisá's se manifestam enquanto as representações numerológicas, cromatográficas, bromatológicas, fitológicas, geológicas, geográficas, psicológicas etc, personificadas em signos das mais variadas características e divinizadas pelo princípio do “Ser” em sua manifestação pessoal e coletiva. Como exemplo das mais variadas comunidades tradicionais podemos observar a prática a seguir comum em etnias africanas como a yorùbá e em comunidades de matriz africana no Brasil:

“Nos ritos de oferendas e sacrifícios, os primeiros líquidos são destinados à terra:
Onílè mo júbà o (Senhores da Terra, meus respeitos)
Ìbà Òrisà (Saudamos os orixás)
Ìbà Onílè (Também saudamos os senhores da terra)” (BENISTE, 2016, p.26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Haja visto as problemáticas das definições do espaço a partir do racionalismo europeu, este trabalho buscou considerar e comparar as divergências entre as definições do espaço europeu ou nórdico na medida de sua contraposição em relação às noções do espaço geográfico do berço meridional, mais especificamente da tradição yorùbá. A separação do homem e o espaço faz jus ao método dicotômico que consubstancia a soberania e a territorialidade, manifestada no caráter cultural do entendimento do espaço enquanto recurso, fonte das necessidades de um centro antrópico e superior. A cosmovisão reivindicada neste artigo para a compreensão do espaço na perspectiva africana é inseparável da cultura africana da ancestralidade e da conectividade dos elementos, do homem, animais, plantas, solo, e as transformações estruturadas pelos ciclos, desastres e a ordem. Òrun - Àiyé é o espaço do sagrado, do acesso, da relação, do subjetivo, mas também do físico e dos seres em todas as suas possibilidades. De forma propositiva este artigo é findado a partir da invocação da autodefinição do espaço geográfico africano

⁸Línguas do grupo familiar linguístico africano Bantu (NOGUEIRA, 2012, p.148)

diaspórico, para que o povo preto se localize a partir de seus próprios conceitos e significações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANI, M.. **Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior**. Trenton: Africa World Press, 1994.

BENISTE, J. **Mitos Yorùbás: o outro lado do conhecimento. 8ª edição**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016

BENISTE, J. **Dicionário Yorubá/Português. 4ª edição**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019

BENISTE, J. **Òrun - Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagò- yorubá entre o céu e a terra**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 353 p.

DIOP, C.A. **A unidade cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica**. Reler África, Cafilesa Soluções Gráficas, 1982

DOVE, N. **Uma Crítica Africano-Centrada à Lógica de Marx**. *Jornal Ocidental dos Estudos Negros*, Vol. 19, No. 4, 1995

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 2ª ed. Salvador. EDUFBA, 2008

FAUSTINO, D. M. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018. v. 1. 144p

HARVEY, D. “A destruição criativa da terra”. In: **O enigma do Capital e as Crises do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ISNARD, H. “**O espaço geográfico**”. In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro. No.258/259, jan./dez., 1978, pp.05-17.

MOORE, C. **O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão - 5ª edição**, Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

MOORE, C. **Racismo & Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo**, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A Matriz Africana no Mundo**. São Paulo, Selo Negro, 2008.

NJERI, A.; RIBEIRO, K. Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. **CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS**, v. 19, p. 595-608, 2019.

NOGUERA, R. UBUNTU COMO MODO DE EXISTIR: ELEMENTOS GERAIS PARA UMA ÉTICA AFROPERSPECTIVA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012.

OLIVEIRA, D. A. Possibilidades de leitura do continente africano a partir do ensino de geografia: Uma avaliação preliminar dos impactos da lei 10.639/03. In: **Formação de professores de geografia: diversidade, práticas e experiências**. Org. **BEZERRA, A. C. A.**; LOPES, J. J. M.; FORTUNA, D. (2015) 1ª. ed. NITEROI: Editora da Universidade Federal Fluminense EDUFF, 2015. v. 500. 298p .

WEEMS, Cleonora Hudson. **Nommo: Automeação e Autodefinição: “Uma agenda para a sobrevivência”** African World Press, 1998.